

Entrevista especial: Prof. Dr. José Luiz Domingues

Pós-graduação da UFG: Rompendo fronteiras

A Universidade Federal de Goiás oferece, atualmente, dezoito cursos de Mestrado e três de Doutorado em diferentes áreas do conhecimento. Devido à exigência do mercado de trabalho e à necessidade de atualização, profissionais têm procurado cada vez mais se inserir nos programas de pós-graduação desenvolvidos pela UFG. Segundo o Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da gestão 1998-2001, Dr. José Luiz Domingues, cinco novos cursos estão em tramitação para serem aprovados já no próximo ano, dois de Mestrado e três de Doutorado.

Trabalhando na Universidade Federal de Goiás há quase trinta anos, o doutor chegou à instituição em 1972. Sua primeira função na UFG foi de professor visitante e, em novembro de 1973, prestou concurso para professor

assistente. No ano seguinte, ele cursou Mestrado na área de Educação na Universidade Estadual da Califórnia, San Diego. O Doutorado foi concluído em 1985, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ano em que prestou seu segundo concurso. Desta vez, para professor titular.

Em entrevista exclusiva à revista "Extensão e Cultura", o Dr. José Luiz analisou o processo de reconhecimento dos cursos pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior. Ele abordou temas específicos

envolvendo a pós-graduação, tais como o crescimento da demanda pelos cursos, o financiamento de publicações no exterior, as perspectivas para a realização de Mestrado a distância e o caráter interdisciplinar que o Doutorado deve assumir em breve.

Como o senhor classifica o crescimento da pós-graduação da UFG nos últimos quatro anos?

O parâmetro reconhecido nacionalmente é de que um curso de pós-graduação pertença ao Sistema Nacional de Pós-Graduação, o famoso SNPG, que é administrado pela CAPES. A CAPES é um órgão do MEC - Ministério da Educação -

que tem como finalidade coordenar a pós-graduação no Brasil. Se o curso de Mestrado ou de Doutorado não for credenciado pela CAPES, ele não tem validade.

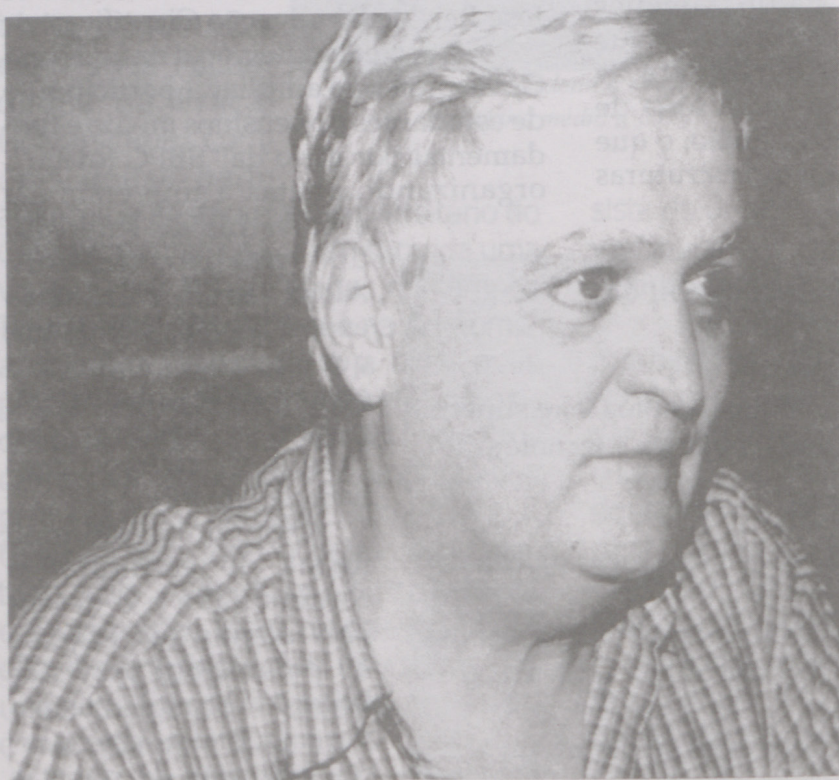
Tendo como parâmetro cursos credenciados pela CAPES, em 1998, quando a atual administração tomou posse, nós tínhamos treze cursos de Mestrado e nenhum de Doutorado. Hoje, no final deste quadriênio, nós temos dezoito cursos de Mestrado e três de Doutorado. Houve, então, um aumento significativo de cursos credenciados.

A procura pelos cursos tem aumentado proporcionalmente?

A pós-graduação está crescendo tanto que, de repente, começam a surgir duzentos, trezentos candidatos para dez vagas, e essa não é a finalidade da pós-graduação. Ela está crescendo de tal maneira que, daqui a pouco, vai virar vestibular. Todos os programas estão entrando em pânico.

Isso se deve, a meu ver, a alguns fatores. Existe um fator legal que diz que só poderá dar aula nas

O embate social hoje passa pela ciência e pela tecnologia, porque estas são a moeda mais



Doutor na área de Educação, José Luiz se dedica à UFG há quase trinta anos

universidades quem tiver, no mínimo, o título de mestre.

Por outro lado, existe essa nova juventude, que já tem o Mestrado e o Doutorado como plano de Estudo. Isso é um movimento, vamos dizer assim, social, ou seja, das exigências sociais.

Junto com isso, o mercado de trabalho está cada vez mais acirrado, exigente, altamente competitivo e, se bobear, a gente vive a vida inteira paralelamente ao trabalho formal.

Mas existe um outro elemento que eu acho fundamental. O avanço científico e tecnológico está exigindo de nós mais estudo. O embate social passa hoje pela ciência e pela tecnologia, porque estas são a moeda mais corrente. Agora é possível ter uma televisão, um computador e um aparelho de som numa só máquina. Ora, só para as crianças desta geração! Os outros têm que aprender. Isso exige cada vez mais conhecimento. Não há como segurar a demanda dos cursos de pós-graduação.

Quais são os cursos de Mestrado e Doutorado oferecidos pela UFG atualmente?

Nós temos, já em funcionamento, os cursos de Mestrado em Letras, História, Física, Matemática, Biologia, Geografia, Filosofia, Veterinária, Agronomia, Educação, Direito, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Medicina Tropical, Música, Química, Sociologia e Odontologia. Agora, em Doutorado, nós temos Medicina Tropical, Agronomia e Ciências Ambientais.

Aliás, esse Doutorado em

Ciências Ambientais é um dos grandes destaques em termos de pesquisa e de programa de pós-graduação, porque ele não exige que o aluno já seja mestre para cursá-lo. Ele é um Doutorado interunidades e interdisciplinar, unindo o pessoal de Biologia, de Química, de Ciências Humanas, de Agronomia, de Geografia e de Direito. São vinte e um doutores de alto nível trabalhando juntos.

Então existe uma mudança de perspectiva para o Doutorado?

Esta é uma perspectiva de mudança de filosofia e eu já deixo uma mensagem para o futuro: a grande meta dessa universidade para o próximo quadriênio no que diz respeito aos cursos de pós-graduação, tem que ser a montagem de Doutorados. Isso não quer dizer que não deva haver especialização, ou que não deva ter cursos novos de Mestrado. Mas eu acho que todo o nosso esforço vai ter que estar voltado para o Doutorado. Mesmo que consigamos aprovar outros três cursos de Doutorado, seis cursos ainda é muito pouco. O próprio tema da SBPC

de 2002 está sugerindo romper fronteiras. Então, que ousem no rompimento de fronteiras no Doutorado, assim como vem fazendo o de Ciências Ambientais e o de Agro-negócios.

Como é feito o controle de qualidade desses cursos?

A comunidade científica e os doutores de diferentes universidades avaliam os cursos de pós-graduação. A CAPES tem os seus diferentes comitês, que, a cada três anos, atribuem uma nota a cada curso. Essa nota, em nível de Mestrado, varia de 1 a 5. Em nível de Doutorado, depois de ser classificado de 1 a 5, todos aqueles que obtiverem nota máxima podem vir a receber um adicional de até dois pontos. Esses são cursos cuja inserção internacional é muito grande.

Para ter validade, o curso precisa ter nota igual ou superior a 3. Em janeiro de 1998, nós tínhamos treze cursos reconhecidos: onze com nota 3 e apenas dois, Educação e Geografia, com nota 4. Estes dois

É preciso que ousem no rompimento de fronteiras nos cursos de Doutorado.



A pós-graduação deve se tornar cada vez mais interdisciplinar

Entrevista especial: Prof. Dr. José Luiz Domingues

receberam financiamento da CAPES para se estenderem à UFG na área de Geografia e à Universidade do Tocantins na área de Educação. Hoje, nessa mesma escala, dos dezoito cursos de Mestrado, oito possuem nota 4 e dez possuem nota 3. Então, nós vamos poder dar atendimento, fora o nosso trabalho regular, a oito instituições de ensino superior na melhoria do seu quadro docente. Isso sem contar que todos os nossos cursos de Doutorado agora têm nota 4.

O corpo docente da pós-graduação é formado pelos mesmos professores da graduação da UFG?

Sim, sim e sim. É obrigatório que o corpo docente seja formado por professores da UFG. Todos os professores que dão aula na pós-graduação são obrigados a darem aula na graduação. Queiramos ou não, gostemos ou não, é na pós-graduação que se faz a melhor pesquisa, a melhor ciência, porque é o modelo brasileiro. Então, como o professor está dando aula para a pós-graduação e simultaneamente para a graduação, todo esse conhecimento que ele está produzindo e que será publicado daqui a três ou quatro anos, já é repassado para os alunos na graduação. Esse intercâmbio, para nós, é fundamental, porque é possível levar os anseios da graduação para a pós-graduação

Queiramos ou não, gostemos ou não, é na pós-graduação que se faz a melhor pesquisa e a melhor ciência.

e vice-versa. Então, passa a ser fundamental também a presença de bolsas de iniciação científica, para que, na graduação, os alunos já comecem a se envolver com a pesquisa e a dialogar com quem está fazendo Mestrado e Doutorado.

Quais são os projetos da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação para o ano que vem?

Bom, nós já deixamos organizado para que se efetive no próximo ano, quer dizer, os processos já foram montados e estão em negociação com a CAPES para que dois novos cursos de Mestrado e três de Doutorado sejam credenciados. Mas nós ainda estamos trabalhando em três consórcios de três programas de Mestrado e Doutorado, que também já estão em negociação. Esses três cursos serão desenvolvidos numa parceria entre UnB, UFMS e UFG nas áreas de saúde, agronegócios e farmácia, respectivamente.

É possível que a UFG venha a oferecer, em breve, cursos de Mestrado e Doutorado a distância?

Essa é uma preocupação tanto da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, quanto muitíssimo da PROEC, que é a grande articuladora dos cursos a distância.

Nós estamos numa fase de aprendizagem, de quebra de tabus. Esse é um negócio do futuro. É o único jeito de a universidade se fazer presente nesse país e em todos os locais. No ano passado, houve um curso de aperfeiçoamento na área de Educação,

A grande meta dessa universidade para o próximo quadriênio no que diz respeito aos cursos de pós-graduação, tem que ser a montagem de Doutorados.

dado pelo professor Luís Dourado, um dos professores mais sérios que nós temos.

O que eu acho que o pessoal ainda não percebeu é que a PROEC tem conseguido montar toda a infraestrutura dos cursos a distância oferecidos pela UFG. Nós podemos até sonhar com cursos de Mestrado nessas condições. Talvez, num primeiro momento, em parceria com alguém que já tenha algum conhecimento, porque nós não podemos nos aventurar numa área dessas.

Que tipo de incentivo a universidade tem recebido para realizar cursos de pós-graduação?

Nós temos que pensar que existem incentivos simbólicos e materiais. Vamos começar pelos materiais. Na fórmula de distribuição de verbas do Ministério da Educação, a presença da pós-graduação aumenta a verba destinada à universidade.

Um outro aspecto é que os programas de pós-graduação, por serem credenciados pela CAPES, recebem uma série de verbas que podem ser utilizadas livremente para melhorar as condições de oferta dos cursos. Os programas de Mestrado já reconhecido passam a ter o que chamamos de bolsa de demanda social paga pela CAPES, ou seja, os alunos que fazem Mestrado na nossa

universidade, ou pelo menos uma parte significativa deles, ganha somente para estudar. Isso é uma forma de democratizar a universidade e o acesso ao conhecimento de ponta. A CAPES coloca à disposição uma verba específica também para a biblioteca, além de informatizar o local.

Mas existe, por outro lado, um incentivo simbólico que, para o professor, às vezes é mais importante do que o financeiro. Nós somos muito bobos! Nós nos sentimos felizes quando vemos um artigo nosso publicado. Então, existe um incentivo através dos cursos de pós-graduação, que é esse reconhecimento da qualidade dos seus pesquisadores por parte da sociedade.

Quais os desafios da pós-graduação para os próximos quatro anos?

Quando eu penso em pós-graduação e penso em pesquisa, dois dados aparecem imediatamente: a divulgação e a socialização do conhecimento científico. Nós chegamos num ponto em que a UFG já se faz presente nas revistas nacionais, juntamente com a USP, a Unicamp e outras grandes universidades. Nós não temos mais o que eu costumo chamar de "complexo de vira-lata", porque estamos numa expansão que tem nos assustado positivamente. Digo

Assustado no sentido de que a pesquisa e a pós-graduação na UFG estão crescendo de maneira a nos deixar atrofiados, sem espaço e sem gente. Os professores têm que fazer tudo.

Hoje, nesse final de gestão, e que vai ser o grande desafio para a próxima é que a UFG já começa a tecer alguns tentáculos no exterior. Nós já começamos, de uma maneira bastante agressiva, a publicar em revistas de impactos internacionais.

O problema é que, nessas revistas, o autor paga para publicar, e paga em dólar. É preciso arranjar

uma estrutura para apoiar o pesquisador para que ele possa publicar fora do Brasil. A maior barreira é conseguir fazer pesquisas muito bem feitas e isso nós já conseguimos. Outra barreira é conseguir mostrar competência no exterior e nós também já conseguimos. Só que agora não podemos morrer porque não há como pagar a taxa de publicação. Esse é um problema que nós temos que pensar.

Nessa mesma linha, as conferências são um outro desafio que se impõe à pós-graduação. Cada vez mais nós temos professores sendo convidados para ir ao exterior para apresentar trabalho. Agora, para que isso continue, é preciso ter dinheiro, porque ninguém tem condições de pagar do próprio bolso. Claro que quem convida, paga. No entanto, existem despesas extras. É preciso pensar numa maneira de equacionar esse nosso diálogo com o exterior, porque a relação de diálogo é em dólar.

Os desafios são muitos. Às vezes eu me sinto como se eu estivesse dirigindo um carro e olhando a estrada pelo retrovisor. Existem projetos que eu vejo sendo feitos em 2010, por exemplo, mas que deviam ter sido implantados muito antes. Este será sempre um desafio.



O Prof. José Luiz Domingues prevê novos desafios para a UFG no próximo quadriênio